

Doentes de outros estados lotam os hospitais do DF

A falta de uma política de saúde nos municípios vizinhos e em outras localidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País impõe um alto preço à população de Brasília. Grande quantidade de pacientes chega diariamente em busca de atendimento médico, sobrecarregando os serviços que o Governo do Distrito Federal coloca à disposição dos pouco mais de 1,6 milhão de brasilienses, conforme os recursos que recebe para este fim.

De acordo com o diretor do Hospital de Base (HBDF), Mauro Guimarães, hoje mais de 70 por cento dos pacientes graves internados naquela unidade são de outros estados. "Os prefeitos do Entorno e de cidades da Bahia, entre outras, preferem gastar os recursos destinados à construção de postos ou hospitais com a compra de ambulância", afirmou Guimarães, ressaltando que o Distrito Federal fica prejudicado, já que se vê obrigado a assistir milhares de pessoas de fora com a verba do Sistema Único de Saúde (SUS), calculada de acordo com a população local, sem considerar a população flutuante.

Estímulos — Para Mauro Guimarães, enquanto os políticos não deixarem de estimular e facilitar a transferência de doentes de seus estados para Brasília a situação continuará preocupando. "Eu tenho explicado a parlamentares e aos prefeitos que o Hospital de Base não é um depósito de doentes, mas alguns deles, como o prefeito de Barreiras, sequer atende mais o telefone quando sabe que sou eu", disse.

Segundo ele, os pacientes que vêm de fora são os que causam grandes transtornos ao sistema de saúde do DF. "Primeiro eles chegam e querem, daqui do Hospital, resolver todos os problemas que trazem e mesmo em alta permanecem nas unidades, onerando o DF e impedindo que outras pessoas possam ser internadas",

acentuou. Quando não são atendidos imediatamente, conforme lembrou Guimarães, estes pacientes chamam a imprensa e fazem denúncias.

O diretor do HBDF explicou que além de ter os hospitais superlotados pela demanda de outros estados, o sistema de saúde do DF ainda recebe os pedidos de políticos e de outras autoridades quando do encaminhamento dos pacientes. Não adianta pedir. Já deixamos claro que o atendimento à saúde aqui obedece a uma lista onde primeiro é atendido o paciente mais grave, depois os outros obedecendo ao mesmo critério", desabafou o médico.

Crônicos — Outro problema que preocupa a Secretaria de Saúde do DF e que contribui para limitar o atendimento aos brasilienses é o abandono de doentes crônicos nos hospitais da rede pública. Guimarães acredita que em cada hospital regional haja cerca de dez pacientes crônicos ocupando leitos e cuidados especiais de enfermeiros e assistentes, sem que as famílias se importem em assumir esta responsabilidade. No Hospital de Base este número é bem superior e todos os esforços do Serviço Social foram inúteis no sentido de localizar as famílias.

São doentes com traumatismo que provocaram retardamentos mentais ou raquimedular, tetraplégicos que precisam ser alimentados por terceiros. Quatro dos que vivem hoje no Hospital de Base estão lá há mais de dois anos, com alta. Mas, segundo o próprio diretor do hospital, grande parte dos pacientes vem de famílias carentes. Não dispõem de recursos para cuidar de um lesado de coluna, por exemplo, que precisa ser mudado de posição de hora em hora.

Muitos outros, entretanto, não requerem tanta atenção e podem viver em perfeita harmonia com a família.